

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

**RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)**

CLAUDINÉIA MENDES DE SOUZA SOARES

ANÁPOLIS – GO
2010.

CLAUDINÉIA MENDES DE SOUZA SOARES

**RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)**

Estudo de caso apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

ANÁPOLIS - GO
2010.

AGRADECIMENTO

A Deus que é nosso guia, fortaleza e refúgio em todos os momentos de nossas vidas

Aos nossos familiares e amigos pela compreensão, amor e carinho dedicado nos momentos de ausência.

Aos nossos mestres que não mediram esforços ao longo dessa caminhada para nos conduzirem e orientarem na descoberta do conhecimento. Enfim a todos que nos incentivaram nossos mais profundos AGRADECIMENTOS.

DEDICATÓRIA

A Deus que tem nos dado forças para prosseguirmos nesta jornada e aos nossos familiares e amigos que sempre nos apóiam em busca do aperfeiçoamento.

CLAUDINÉIA MENDES DE SOUZA SOARES
RELATÓRIO DO ESTÁGIO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)

TCC apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-GO, 02 de outubro de 2010.

APROVADA EM _____ / _____ / _____ NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Ms. Sueli de Paula
Orientadora

Ms. Maria Inácia Lopes
Convidada

Ms. Antônio Fernandes dos Anjos
Convidado

SUMÁRIO

1-Apresentação	07
Psicopedagogia	08
2-Diagnóstico Psicopedagógico Clínico	09
2-1 – Instrumentos Utilizados	10
2.1.1 - Anamnese.	10
2.1.2 - Primeira Entrevista	10
2.1.3 - Material Escolar	11
2.1.4 - Provas Operatórias	11
2.1.5 - Atividades Lúdicas	11
2.1.6 - Jogos de Regras	12
2.1.7 - A hora do jogo	12
2.1.8 - Provas Projetivas Psicopedagógicas	13
2.1.9 - Provas Pedagógicas	14
2.1.10 - Entrevista com professor	14
3- Análise dos Instrumentos	15
4 - Hipótese Diagnóstica	22
5 - Sugestões e Encaminhamento	23
6 - Conclusão	24
7 - Bibliografia	26
Anexos	

1 - APRESENTAÇÃO

O presente relatório de Estágio em Psicopedagogia Clínica (Estudo de Caso) tem como objetivo apresentar o processo diagnóstico de uma criança. Neste relatório são apresentadas a discussão do caso clínico na qual se apresentam os resultados e as respectivas análises dos dados obtidos sustentados pelas teorias que os cercam.

Durante o curso foi-se construindo um embasamento teórico e o estágio contribuiu para que se pudesse relacionar teoria e prática buscando, assim, um fazer psicopedagógico.

Para a realização deste trabalho buscou-se fundamentação teórica em diversos autores, tais como: Maria Lúcia Weiss, Alicia Fernandes, Jorge Visca, Sara Pain, Nádya Bossa, dentre outros.

Durante o estágio realizado no período de maio a agosto foram realizadas dez (10) sessões de diagnósticos, onde foi atendida uma criança, o aprendiz (V. R. S.), de 11 anos de idade, sexo masculino, cursando o 4º ano do ensino fundamental em uma escola da rede municipal na cidade de Anápolis- GO. A queixa familiar relatada pela mãe é com relação às dificuldades apresentadas pela criança como: leitura fraca, troca de letras, problema de assimilação de conteúdos e concentração. A queixa apresentada pela escola é basicamente a mesma apresentada pela família, só que com o agravante da falta de acompanhamento familiar.

O estudo de caso é de grande importância para o crescimento profissional, pois todo o processo decorrente é instrumento para o amadurecimento das técnicas e investigações psicopedagógicas.

PSICOPEDAGOGIA

A preocupação com os problemas da aprendizagem teve origem na Europa, ainda no século XVIII. O aparecimento da expressão “Psicopedagogia” situa-se em meados do século XX, e isso fez com que uma das primeiras definições dadas pelo psicanalista francês, George Mauco, em 1954 fosse: “È a utilização dos conhecimentos da psicologia, psicanálise e pedagogia para auxiliar crianças que têm dificuldades de aprendizagem.” A psicopedagogia nasceu assim como uma necessidade de atender crianças com dificuldades de aprendizagem cujas causas eram anteriormente estudadas pela medicina e psicologia. Cabendo a esta orientar todo e qualquer aluno no seu percurso escolar, incentivando-o a criar o seu método de estudo, a desenvolver a sua capacidade de aprendizagem e resolução de problemas, tendo em conta as suas características como também ao ambiente social, familiar e educacional onde está inserido.

A Psicopedagogia é uma ciência que vai nos ajudar a fazer a diferença, sendo uma opção ao lado da psicologia e pedagogia que estuda o processo de ensino-aprendizagem, tornando-se, portanto uma profissão do terceiro milênio. É mediadora / transmissora de valores, motivações e saberes, ensina o educando a se conhecer. O seu trabalho deve estar voltado para as questões metodológicas através de um plano diagnóstico (planejamento que o psicopedagogo deve elaborar diante do problema apresentado), com a orientação aos professores, pais e todas as pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem do educando.

A atuação do psicopedagogo pode ser na psicopedagogia clínica ou institucional. **A Psicopedagogia Clínica** tem o olhar focalizado na história do sujeito aprendente, ela deve procurar compreender por que o sujeito não aprende algo, mas também o que ele pode aprender e como. O trabalho da Psicopedagogia Clínica passa por dois momentos:

1º Fase Diagnóstica: investiga o sentido da problemática do aprendente.

2º Fase Intervenção: a partir da investigação cuja função é a eliminação do sintoma, é realizada através do olhar e escutar do psicopedagogo.

A **Psicopedagogia Institucional** atua em escolas, empresas, hospitais e creches. O trabalho psicopedagógico na instituição escolar possui uma função social importante: melhorar as relações com a aprendizagem, intervindo no sentido de reestruturar todos os sistemas que a integram. O trabalho desenvolvido pelo psicopedagogo institucional permite a composição de determinadas médias, próprias à análise de cada instituição, as quais proporcionam melhores condições e qualidade de trabalho aos docentes.

2 - DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO

O Diagnóstico em Psicopedagogia é a maneira pela qual o profissional investiga o que pode estar impedindo a aprendizagem ou dificultando-a. É o processo pelo qual é analisada a situação do aluno com dificuldade dentro do contexto escolar e de sala de aula, com a finalidade de proporcionar aos professores orientações e instrumentos que permitem modificar o conflito manifestado, e configurando-se como um processo investigativo e, portanto, científico. Seu objetivo é dirigido exclusivamente para o processo de aprendizagem humana, campo de atuação da psicopedagogia

É importante ressaltar que no diagnóstico psicopedagógico não pode ser dispensado um amplo marco referencial teórico, que inclua conhecimentos sobre o sistema educativo e condições sociais, culturais e pedagógicas do processo de ensino-aprendizagem. Para Fernandez (1994), o diagnóstico é uma pesquisa-ação, que possibilitará ao terapeuta levantar sempre, hipóteses provisórias, que irão sendo confirmadas ou não, ao longo do processo; no final, a hipóteses de trabalho permanecem.

Diagnosticar supõe: conhecer e reconhecer-se pensante e desejante, historiar-se encontrar-se nas marcas do caminhar. Daí a importância do escutar e o olhar daquele que acompanha, o aprendente, pois este permite que o indivíduo fale e seja reconhecido. E ao psicopedagogo, compreender a mensagem. É importante considerarmos o trabalho com a família, pois, uma das partes pode sofrer certa resistência, observando os limites de cada um para trabalhar da melhor forma.

2.1 – INSTRUMENTOS UTILIZADOS

2.1.1 - ANAMNESE

Para Weiss (2001, p. 48), a anamnese “é um dos pontos cruciais de um bom diagnóstico”. É ela que possibilita a integração das dimensões de passado, presente e futuro do paciente, permitindo perceber a construção ou não de sua própria continuidade e das diferentes gerações.

A entrevista (anexo) tem por objetivo colher dados significativos sobre a história de vida do paciente, através da análise do seu conteúdo obtemos dados para o levantamento de hipóteses sobre a possível etiologia do caso, por isso é necessário que a mesma seja bem conduzida e registrada.

2.1.2 - PRIMEIRA ENTREVISTA

A primeira entrevista do psicopedagogo e o cliente deve ser feita de forma informal, estabelecendo-se um clima de confiança onde possa ocorrer uma livre circulação de informações e sentimentos.

De acordo com Weiss (2001, p. 36):

O primeiro encontro do terapeuta com o paciente é carregado de ansiedade de ambas as partes e tem como objetivos a compreensão da queixa nas dimensões familiar e escolar, a captação das relações e expectativas familiares centradas na aprendizagem escolar.

Nesta entrevista o psicopedagogo tenta obter uma visão ampla do cliente mediante perguntas relativas ao conhecimento de si mesmo, de como percebe sua vida na escola, na família e no meio social, estabelecendo com o cliente uma atitude de escrita e de acolhida, oferecendo-se como um elemento de ajuda.

2.1.3 - MATERIAL ESCOLAR

Para Weiss (2001, p. 101), “a análise do material escolar implica em se verificar a metodologia utilizada em sala de aula, ou seja, a qualidade didática.”. Portanto torna-se necessário observar o desenvolvimento do indivíduo quanto à utilização do material escolar no seu ambiente de sala de aula.

No que se refere ao erro, observa-se o tipo de erro ou acerto do paciente, o modo como esse é encarado pelo professor, se é assinalado, revistado e trabalhado na construção do conhecimento, verificando também como anda a organização em nível de antecipação e estruturação das atividades, o cuidado ou não com os seus diferentes materiais.

2.1.4- PROVAS OPERATÓRIAS

Segundo MacDonell (1994) as provas operatórias são conjuntos de provas clássicas de experimentação em Psicologia Genética em que Piaget e seus colaboradores iniciaram para dar conta do nascimento da inteligência e do desenvolvimento das operações intelectuais. Através delas podemos determinar o grau de aquisição de algumas das noções chaves do desenvolvimento cognitivo.

A técnica utilizada nas provas trata-se de interrogar a criança frente a fenômenos observáveis e ou manipuláveis a partir dos quais se leva a criança a raciocinar. O método de interrogação sugere um diálogo com perguntas claras e precisas.

2.1.5- ATIVIDADES LÚDICAS

As atividades lúdicas são de extrema importância para o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo da criança, pois é através delas que a criança expressa seus sentimentos em relação ao seu mundo. Por meio das brincadeiras a criança consegue adquirir conhecimentos, superar limitações e desenvolver-se como indivíduo.

O lúdico favorece o pleno desenvolvimento das potencialidades criativas fazendo uma reprodução da realidade apoderando-se da cultura para internalizá-la. Bossa (1994) diz que através da atividade lúdica a criança expressa seus conflitos, o que nos permite reconstruir seu passado.

2.1.6- JOGOS DE REGRAS

Jogo é uma atividade física ou mental organizada que por um sistema de regras definem quem perde ou ganha. Logo podemos dizer que o jogo está muito ligado ao próprio funcionamento da inteligência, uma vez que sua construção depende de uma série de assimilações e acomodações.

Segundo Bossa (1994) alguns jogos como dama, xadrez e baralho significam ingresso no mundo adulto, pois estimulam o indivíduo a observar e respeitar regras que posteriormente são estipuladas pela sociedade.

Macedo defende os jogos especialmente os de regras porque criam um contexto de observação e diálogo sobre os processos de pensar e construir o conhecimento de acordo com os limites da criança.

2.1.7- HORA DO JOGO

Segundo Alicia Fernandez utilizamos a hora do jogo para compreender alguns processos que podem ter levado à gestação de uma patologia no aprender. O espaço de aprendizagem e o de jogar são coincidentes, ambos tem momentos analogizáveis (inventário- organização- integração). A modalidade desenvolvida no jogo e o tipo de tratamento do objeto lançam luz sobre a cena de aprendizagem.

O brincar possibilita o desenvolvimento das significações de aprender. A hora do jogo permite observar a dinâmica da aprendizagem. Segundo Pain (1992), devemos observar momento analógicos, entre o jogar e o aprender, primeiramente no “inventário”, olharemos a densidade temática, após faremos “uma organização” ou seja a postulação de um jogo, argumentações simbólicas, comparações para se desenvolver um argumentos com os materiais da caixa. E por último a “apropriação”

que é a possibilidade de se chegar a uma conclusão argumental, uma capacidade de decisão de domínio, aceitação do final, frustração, com sua capacidade de mostrar e guardar.

2.1.8- PROVAS PROJETIVAS

As provas projetivas avaliam os vínculos na dimensão emocional/afetividade do aprendente, em relação ao seu meio familiar, à sua vida escolar e, a si mesmo, expressando-se ou expondo-se através de desenhos sobre temas sugeridos. Segundo Pain (1992, p.86),

O exame das provas projetivas permitirá, em geral, avaliar a capacidade do pensamento para construir, no relato ou no desenho, uma organização suficientemente coerente e harmoniosa como para veicular e elaborar a emoção, também permitirá avaliar a deteriorização que se produz no próprio pensamento, ele fala ali mesmo onde se diz mal ou não se diz nada e isto oferece a oportunidade de determinar a norma no incongruente e saber como o sujeito ignora.

Em Psicopedagogia utilizamos as provas projetivas como uma das ferramentas que podem possibilitar o entendimento de como o sujeito aproxima-se ou não do objeto do conhecimento. Segundo Visca (1995) são realizadas três provas projetivas:

- Par Educativo – que identifica e investiga os vínculos da aprendizagem abordando três unidades de análise: “objeto”, “ensinante” e “aprendiz” e suas relações.
- Família Educativa - que tem como objetivo estudar os vínculos de aprendizagem com o grupo familiar e cada um dos integrantes do mesmo.
- Eu e meus companheiros - visa estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de classe, onde cada membro do grupo possui um modelo de aprendizagem, que no interjogo de relações com o outro enriquece ao mesmo tempo os modelos dos outros.

2.1.9- PROVAS PEDAGÓGICAS

São avaliações investigadoras para se colher dados e levantar hipóteses sobre o seu processo de aprendizagem em sala de aula. De acordo com Weiss (2001, p. 90)

A avaliação pedagógica não se limita ao conteúdo escolar. Como qualquer um dos momentos do diagnóstico, a conduta do paciente deve ser vista como uma expressão global em que se esta pondo em foco o nível pedagógico, mas estarão juntos o seu funcionamento cognitivo e suas emoções, ligadas ao significado dos conteúdos e ações.

Com isso observa-se que algumas vezes a defasagem entre o nível pedagógico e as exigências escolares atuais pode agravar dificuldades do paciente anteriores à escola, e outras vezes criar situações que podem vir a formar dificuldades de aprendizagem ou produção escolar.

2.1.10 - ENTREVISTA COM O PROFESSOR

Serve para ver, a princípio, a queixa do professor em relação ao desenvolvimento do aluno. Um questionário é montado de acordo com a queixa, com a finalidade de levantar hipóteses do problema em evidência.

A entrevista inicial é exatamente aquela que busca razões, investiga o percurso do saber e quando necessário, faz os encaminhamentos dos casos com base na conclusão da avaliação.

No entanto, como em qualquer entrevista, é necessário criar um clima de confiança para que haja a livre circulação de sentimentos e informações a fim de que se possam fazer observações que possibilitem alcançar os objetivos esperados. Previamente, a entrevista carece de um propósito (tema, objetivos e dimensões) bem definido e é essencial ter uma imagem do entrevistado, procurando caracterizar sucintamente a sua pessoa.

3 - ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS

3.1 - ANAMNESE

Na entrevista da anamnese, as perguntas foram respondidas pela mãe do aprendente V., demonstrando interesse. No primeiro encontro a mãe se dispôs a colaborar para a realização do estudo de caso onde foi colocado como seria realizado esse trabalho. Ela demonstrou entusiasmo para realizarmos essa parceria e o aprendente V. demonstrou interesse em participar.

De acordo com as informações recolhidas com a mãe (anexo), percebi que V. é uma criança considerada normal, de boa saúde, não possui nenhum problema físico, mental ou intelectual que o impede de ter boa aprendizagem. Segundo a mãe, o período de gestação foi tranquila, apesar de não ter sido uma gravidez planejada. “V. é uma criança como qualquer criança da sua idade” diz a mãe. A mesma relata ainda que a relação de V com o pai não é satisfatória para ambos (pai e filho), pois o pai está sempre nervoso, não tem paciência e briga muito com ele.

Quanto à dificuldade de aprendizagem a mãe diz que pode ser resultado de mudanças constantes de escola e até de Estado causando desinteresse em V. pelos estudos, apesar deste ter começado a estudar na idade certa na educação infantil. Weiss (2001) explica que devemos considerar a troca constante de escolas e a entrada precoce ou tardia na escola, pois os alunos podem carregar graves deficiências na leitura e escrita devido a isso. Portanto, deve ser feita uma investigação ampla, sobre o significado dessas atitudes e como isso repercute no processo de aprendizagem.

3.2 - ENTREVISTA COM O CLIENTE

No primeiro encontro com V. constatei vários fatos da fala da mãe na anamnese. V. é uma criança esperta, carismática, comunicativa, agradável e muito alegre, respondeu com clareza a entrevista, onde relatou sobre ele e a sua família.

Segundo Weiss, como em qualquer entrevista, é necessário criar um clima de confiança para que haja a livre circulação de sentimento e informações. Através desse clima V. relatou sobre a sua família, onde pude perceber um carinho especial pela irmã, quase não falou do irmão e do pai e demonstrou uma admiração muito grande pela mãe. Não demonstrou interesse pelos estudos relatou que o que mais gosta de fazer na escola é brincar. Esse é um caso típico de criança sem problema de aprendizagem, mas com fracasso escolar que gera motivo de preocupação. O fato de não querer produzir prendia-se a uma reação à família e também à autoridade escolar.

3.3 - MATERIAL ESCOLAR

Os materiais escolares de V. estão em péssimo estado de conservação, não segue horário de aula, esquece livros e cadernos em casa, não apresenta zelo e cuidado com os mesmos, demonstrando desinteresse com o seu material escolar.

Através da observação dos cadernos pude constatar a dificuldade de V. em realizar as atividades propostas, letra ilegível com muitos erros, trocas e omissões de letras. Notei que as atividades na maioria das vezes, estão incompletas e com recados da professora, não apresenta iniciativa em realizá-las e parece não compreender o que é solicitado pela professora. Do início do ano para cá houve um pouco de progresso no desenvolvimento da escrita, a letra está mais legível e obedecendo as margens do caderno.

V. é uma criança que apresenta insegurança, usa a borracha em excesso, sempre está apagando e não é persistente, se algo apresenta um pouco mais de desafio é motivo para desistir e não concluir a atividade.

É possível perceber que a professora é exigente, mas por falta de interesse e até da cobrança da família, a organização de seus cadernos fica a desejar. Ressalta-se que as perguntas de avaliação do material escolar encontram-se em anexo.

3.4 - PROVAS OPERATÓRIAS

Segundo Mac Donell (1994) através das provas de diagnóstico operatório pode-se determinar o grau de aquisição de algumas das noções-chaves do desenvolvimento cognitivo. Podem ser classificadas em: prova de classificação intersecção de classe, quantificação da inclusão de classes, conservação de peso e conservação de volume.

Na prova de classificação: Intersecção de Classes- as respostas de V. são compatíveis segundo Mac Donell (1994, p. 20) com a “resposta de nível 3, operatório concreto, onde a criança tem um acerto preciso a todas as perguntas.”

Prova de Quantificação da Inclusão de Classes - as respostas de V., demonstra que ele se encontra em período de transição de respostas do nível 2, que segundo Mac Donell (1994, p. 21) “são respostas de condutas intermediárias”, para respostas de nível 3 que é a “solução da inclusão quantitativa.”

Prova de Conservação de Peso- as respostas de V. são compatíveis segundo Mac Donell (1994, p. 31), com a resposta de nível 2: “são condutas intermediárias próprias do pensamento operatório concreto em seu primeiro momento.” Aparecem juízos que oscilam entre a conservação e a não conservação. Neste nível, o problema e retorno empírico são resolvidos corretamente.

Prova de Conservação de Volume: às respostas de V. são compatíveis segundo Mac Donell (1994, p. 34) com o nível 2, “são condutas intermediárias”. Os juízos oscilam entre a conservação e a não conservação. As justificativas dadas para um juízo de conservação são em geral pouco explícitas e incompletas.” As perguntas aplicadas durante a realização das provas estão em anexo.

3.5 - ATIVIDADES LÚDICAS E JOGOS DE REGRAS

É indispensável haver um espaço e tempo para a criança brincar e assim melhor se comunicar, se revelar. A visão de Winnicott (1975, p.80) possibilita uma compreensão mais integradora do brincar e aprendizagem. Assim resume seu pensamento: “ É no brincar, e somente no brincar, que o individuo criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral e é somente sendo criativo que o individuo descobre o eu (self).”

As atividades lúdicas e os jogos de regras foram bem vindos para V. que demonstrou muito prazer em realizá-las. O objetivo da pintura e do desenho livre era observar a coordenação motora, o limite, a visualização das cores e V. demonstrou muita capacidade criadora e aptidão para com essa modalidade, utilizando cores vivas e atraentes, mostrando sua criatividade para com o desenho livre.

O tangran é um jogo que tem o objetivo de desenvolver a imaginação e o raciocínio lógico, trabalha a coordenação motora, a percepção visual e a criatividade. Durante a realização dessa atividade V. desenvolveu bem a tarefa atingindo os objetivos propostos.

No jogo de pega-varetas pude observar, além da motricidade fina, vários aspectos lógicos matemáticos ligados a cores, valores e quantidades de palitos; sua dificuldade é quantificar e a ausência de raciocínio multiplicativo.

No jogo de trilha V. observou e leu várias vezes a comanda, mostrando dificuldade de interpretação, destacou o objetivo do jogo e concluiu o mesmo com mais dificuldade do que os demais jogos.

No dominó mostrou-se bem seguro e com tranquilidade realizou todo o processo do jogo de acordo com as regras do mesmo.

Macedo (1997) defende os jogos especialmente os de regra porque criam um contexto de observação e diálogo sobre os processos de pensar e construir o conhecimento de acordo com os limites da criança, o que foi observado no desempenho de V, as evidências de tais atividades seguem em anexo.

3.6 - HORA DO JOGO

Conforme Sara Pain (1992), observamos que o jogar e o aprender apresentam momentos semelhantes que são: o inventário, a organização e a apropriação. Quando dei a consigna a V., que ele abriu a caixa, observou os objetos, começou a retirá-los demonstrando iniciativa e explorando os objetos, percebi que estava iniciando o primeiro momento “o inventário”. Partiu para o segundo momento “organização”, quando V. usou vários objetos da caixa, cada um com sua história e criatividade. E no terceiro momento “apropriação” V. não apresentou boa capacidade de domínio do jogo, argumentou sobre várias histórias ao mesmo tempo, sem nexo e coerência.

Durante a observação da hora do jogo de V., pude analisar um grande prazer com a presença no jogo, uma disponibilidade corporal e flexibilidade com os recursos presentes na caixa. Observei que V. não desenvolveu os três momentos com êxito, apresentando dificuldade na organização desses momentos da “hora do jogo”.

Através dessa atividade verifiquei que V. apresentou modalidades de aprendizagem hiperacomodação e hipoassimilação. Hiperacomodação pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência acrítica às normas, submissão. Hipoassimilação pobreza de contato com o objeto empobrecidos, déficit lúdico e criativo.

3.7 - PROVAS PROJETIVAS

Segundo Visca (1995), tais provas avaliam os vínculos na dimensão emocional \ afetividade do aprendente, em relação ao seu meio familiar, à sua escola e, a si mesmo, expressando-se ou expondo-se sobre temas sugeridos.

- **Par educativo:**

A presença dos objetos permite inferir que os conhecimentos foram valorizados e são considerados de grande importância. Relaciona-se com cena escolar produtiva que demonstra cenas de aprendizagem significativas que ficaram marcadas no mundo interior desse sujeito.

A distância “perto um do outro” e a posição dos personagens “lado a lado” evidenciam aproximação entre professor e aluno, porém tal aproximação não garante a aprendizagem.

Existe uma correspondência entre a apresentação gráfica e a verbal, apesar de não ser compatível com a série que o aluno apresenta, denotando uma integração entre as formas usadas para representar o conhecimento, flexibilidade e coerência de pensamento.

De acordo com o tamanho total do desenho do par educativo, é normal, bem dimensionado, o que indica uma relação equilibrada onde o “negativo e o positivo” que estão integrados adequadamente. Observou-se que há certa insegurança em V. por ter apagado várias vezes. Analisei que o vínculo apresentado é o vínculo positivo.

- **Família Educativa:**

V. desenhou sua família cada um desenvolvendo suas atividades, não desenhou o seu irmão e não soube dizer a idade do seu pai. As atividades da mãe de V. e da sua irmã têm um caráter intimista que está relacionado com o que sabem fazer em casa. Já a representação do pai apresenta mais um caráter profissional, se bem que o desenho de um personagem realizando determinada atividade geralmente implica a identificação de um ou outro, nem sempre é assim e nada tem em relação com o vínculo positivo ou negativo que o entrevistado possa ter estruturado com ambos.

De acordo com Visca (1995) os números de detalhes dos objetos constituem indicadores de conhecimento e flexibilidade, apresentando vínculo de aprendizagem positiva.

- **Eu e meus companheiros**

O desenho de tamanho normal que V. realizou representa que se relaciona com a imagem que o mesmo crê que os colegas possuem, em uma integração adequada. O tamanho total do desenho, o tamanho e a posição dos

personagens sugerem vínculo positivo com que vivencia com cada um dos companheiros.

Os desenhos realizados por V seguem em anexo.

3.8 - PROVAS PEDAGÓGICAS

As provas pedagógicas que foram aplicadas ao aprendente foram as de leitura oral e silenciosa, interpretação, produção de texto, cópia, ditado e matemática. Na leitura silenciosa demonstra lentidão ao ler, às vezes se perde durante a leitura e fica procurando com o dedo. Na leitura oral apresenta dificuldade, ao ler não respeita a pontuação, omite alguns fonemas pós-vocálico, não pronuncia corretamente as palavras com sílabas complexas, apresenta uma leitura silábica com omissões e troca de letras, o que dificulta a compreensão e interpretação, necessitando de ajuda na leitura.

Na produção escrita o texto é pobre, sem coerência e coesão, apresentando vários erros ortográficos. No ditado teve muita dificuldade em escrever palavras com sílabas complexas, não usa acentuação, apresenta inversão de letras e confusão de letras de formas parecidas.

Em relação à matemática apresenta um bom raciocínio lógico, consegue realizar cálculos simples sem o concreto envolvendo adição e subtração, tem percepção dos comprimentos e das formas, apresenta dificuldade na leitura de números com mais de três ordens. A conclusão que obtive nesta prova pedagógica, é que o nível de raciocínio e aprendizagem do aprendente é incompatível com a sua idade e escolaridade. As provas realizadas seguem em anexo.

3.9 - ENTREVISTA COM O PROFESSOR

De acordo com a entrevista realizada com a professora de V. ela relata a falta de atenção, de compromisso com o estudo e com as tarefas, a dificuldade em compreender e a falta de perspectiva de um futuro profissional. Ela vê o aluno como uma criança que possui interesses fora da escola e não mostra nenhum interesse

nos estudos. Relata que V. é uma criança aérea, que só copia respostas do quadro, as atividades são incompletas, não apresenta iniciativa e é desorganizado com os cadernos.

A professora diz que V. durante a execução de tarefas não é persistente, logo desiste se a tarefa é um pouco complicada e exige um grau de pensamento, responde de qualquer forma para conversar ou brincar. As expectativas da professora em relação ao desenvolvimento do aluno são boas, pois ela diz que ele deve despertar, ter mais vontade de melhorar, de crescer, de ter um projeto de vida profissional e ser um cidadão consciente e ativo. Na opinião da mesma as dificuldades apresentadas por V. são uma questão familiar, de hábitos e costumes, pois o pai não tem estudo e possui boas condições financeiras.

A professora trabalha com atividades lúdicas, diferenciadas, desafios, notícias e jogos para tentar motivar e fazer com que esse aluno esteja bem estimulado a aprender. Onde ela tem notado progresso, mas falta ainda um pouco de ajuda da família. A entrevista segue em anexo.

4- HIPÓTESES DE DIAGNÓSTICOS

Ao estudar o ato de aprender e de ensinar, a Psicopedagogia leva em conta as realidades internas e externas à aprendizagem tomadas em conjunto, estudando a construção do conhecimento em toda a sua complexidade. Para Fernandez (1991, p.107)

A modalidade de aprendizagem é uma maneira pessoal de o sujeito aproximar-se do conhecimento e conformar seu saber constrói-se desde o nascimento, e através dela nos deparamos com a angústia inerente ao conhecer-desconhecer.

É um molde, um esquema de operar utilizado nas diferentes situações de aprendizagem, uma história construída desde o sujeito e o seu grupo familiar com a real experiência da aprendizagem e como foi interpretado por ele e pelos seus pais.

Após a análise de todos os instrumentos conclui que V. tem problema de aprendizagem – Sintoma: causas internas a estrutura familiar e individual originariam o problema considerado como sintoma e inibição, afetando a dinâmica de articulações necessárias entre o organismo, corpo, inteligência e desejo, usando o desejo inconsciente de não conhecer e, portanto de não aprender. Onde a modalidade de aprendizagem vai aludir ao conflito e ao desequilíbrio apresentando-se como hiperassimilação \ hipoacomodação ou, ao inverso, como hipoassimilação \ hiperacomodação.

V. apresenta modalidade patológica: - hiperacomodação/ hipoassimilação. De acordo com Fernandez (1994, p.110) hiperacomodação- pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência acrítica às normas, submissão. Hipoassimilação – pobreza de contato com o objeto que redunde em esquemas de objeto empobrecidos, déficit lúdico e criativo.

Lamentavelmente, a modalidade de aprendizagem hipoassimilativa/ hiperacomodativa é a vedete de nosso sistema educativo. Muitos “bons alunos” encontram-se nesta situação.

5- SUJETÕES E ENCAMINHAMENTOS

De acordo com os dados obtidos no decorrer deste estudo de caso, percebi através do diagnóstico que V. apresenta dificuldades significativas no seu processo ensino-aprendizagem. Foi feita então a mobilização dos pais, da escola e do próprio aprendente para a exposição dos resultados alcançados e tão esperados.

Quanto ao aprendente : favorecer a aproximação da aprendizagem formal por meio da ressignificação de suas representações e promover a construção dos processos de leitura-escrita por meio de atividades lúdicas; promover atividades que provoquem o “ficar mais tempo” com elas, onde V. tenha de explorar cada elemento e planejar (começo, meio e fim) para chegar ao objetivo proposto pela atividade.

Para a instituição escolar: trabalhar junto com o aluno respeitando suas dificuldades e lançando mão de mecanismos que possam desenvolvê-lo no seu próprio ritmo favorecendo a tolerância, a frustração, a perseverança e o aprofundamento, mostrando que ele pode refazer a atividade e melhorar a sua produção ao refazê-la. É de suma importância que a professora conheça todos os aspectos cognitivos, emocionais, psicomotores e sócio culturais de seus alunos para que use metodologias mais criativas e estimulantes que visem intervir na sua prática pedagógica para contribuir num maior crescimento e desenvolvimento dos alunos com dificuldade, principalmente V.

Foi recomendado para a família: estabelecer orientações através de supervisão das tarefas de casa; oportunizar a V o acesso a diferentes materiais escritos favorecendo a aproximação da leitura e escrita e mostrando a importância deles no contexto social, estabelecer rotinas para atividades da vida cotidiana e atividade escolar, ter momento de diálogo especialmente com o pai.

Além de toda essas recomendações V. foi encaminhado para o apoio pedagógico, para uma psicopedagoga e uma professora particular.

6-CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho percebi a complexidade de estar lidando com o outro, ou seja, de estar mergulhada em sua história de vida. Este estudo de caso foi muito importante para o meu crescimento pessoal e intelectual, muito trabalhoso e ao mesmo tempo criterioso, levando-me a perceber coisas que passavam despercebidas em outros momentos.

O estudo de caso procurou demonstrar que as dificuldades de aprendizagem são desafios pedagógicos que trazem à tona questões que merecem ser tratadas no âmbito das discussões e pesquisas sobre ensino e aprendizagem nos contextos da família, escola e sociedade, com o objetivo de desnaturalizar as “dificuldades de aprendizagem”. Mostrou que são as limitações secundárias as que constroem a identidade particular do aluno com dificuldade. Identificou-se neste estudo de caso uma classe de emoções e sentimentos que acompanham o

desenvolvimento da atividade escolar quando a pessoa tem uma representação de si mesma como incapaz. A criança com dificuldade de aprendizagem pode apresentar funções pouco desenvolvidas, assim como as crianças com bom desempenho escolar podem apresentar a dominância de uma função sobre a outra.

Conclui-se que conseguimos chegar às respostas das hipóteses levantadas, no que diz respeito à capacidade cognitiva, afetiva, funcional e cultural do aprendente que, apesar de alguns insucessos, apresentou boa aceitação das atividades propostas e por ele desenvolvidas. É importante que tenhamos atitudes de análise na tentativa de conhecer melhor nosso aluno, no meio social e cultural e, a partir daí, identificar deficiências a serem trabalhadas, proporcionando qualidades no ensino e aprendizagem.

7-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, Nádía A. **A Psicopedagogia no Brasil** – Contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

DONELL, Juan José Conte Mac. **Manual Provas de diagnósticos operatório**. Buenos Aires: C.E.M. 1994

FERNANDEZ, Alicia. **Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

MACEDO, Lino. **Quatro cores, senha e dominó oficinas de jogos em uma perspectiva construtivista e psicopedagógica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

VISCA. Jorge. **Clinica Psicopedagógica** . epistemologia convergente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____ **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas**. Buenos Aires: A.G. Serviços Gráficos , 1995.

WEISS. Maria Lúcia L. **Psicopedagogia Clínica**. Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Winnicott DW. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro. Imago: 1975

ANEXOS